

DESENVOLVIMENTO SOCIAL

Liana Gonçalves Pontes Sodré

Universidade do Estado da Bahia

A Educação Infantil tem sido alvo de um sem-número de estudos que têm apontado para questões que não se restringem a esta etapa da educação. As pesquisas que o grupo vem realizando têm contado com a contribuição das crianças, das professoras e dos profissionais responsáveis pelas políticas públicas para esta etapa da educação. Os resultados indicam para as dificuldades na forma como as crianças são vistas e tratadas pelas políticas públicas, pela forma como o tempo, o espaço e os trabalhos são organizados na escola, pela centralização do processo educacional a programas ou a projetos que não contam com a participação ativa das crianças, nem com elementos de sua cultura. Por estes e outros aspectos, os estudos apresentados deixam evidente que a escola, a partir da Educação Infantil, não tem atendido ao seu objetivo, haja vista que não tem se estabelecido como um espaço propositivo, crítico e criativo.

A DISTÂNCIA ADULTO/CRIANÇA E SEUS REFLEXOS NO PROCESSO EDUCACIONAL

**Adriana E. de S. Ponte
Cristiane Soares Mendes**

Maria Jacilda da Silva Farias Laurindo

As políticas públicas para a infância são intensificadas a partir dos anos 1980, após décadas de indiferença dos poderes públicos, representando uma dívida histórica para com as crianças. Com uma atenção voltada para as especificidades que caracterizam as diferentes crianças em seus modos de vida, remetemo-nos a analisar o que é ser criança e o que é ser adulto a partir das contribuições das crianças, bem como a analisar os projetos políticos e pedagógicos municipais para a Educação Infantil e para as séries iniciais do Ensino Fundamental. Nos estudos tomamos as infâncias, e não mais a infância, como categorial social e as crianças, como circunstanciadas em suas experiências e vivências. Nos encaminhamentos metodológicos adotamos procedimentos que pudessem garantir a fala e a participação efetiva das crianças, a observação direta das atividades em sala e a análise dos projetos políticos municipais. Recorremos ao desenho infantil e a fotos como estratégia de aproximação e recurso mediador para as interlocuções com as crianças. Os resultados apontam que, para as crianças, a infância, assim como a vida adulta, também é uma categoria geracional, atravessada por circunstâncias sociais, culturais, econômicas e políticas que as singulariza. As crianças deixaram evidente que ser criança é poder fazer coisas que adulto não faz e também ter a possibilidade de viver experiências prazerosas como: brincar e desenhar. Ressaltaram que a atividade do trabalho, o acesso aos bens do mundo letrado, o consumo, a constituição de uma família são elementos próprios da pessoa adulta. Os artefatos de mídia também foram citados em situações envolvendo crianças e adultos em seus lares, o que indica o quanto a complexa dinâmica da sociedade contemporânea, com seu aparato tecnológico, faz surgir uma nova ordem nas relações, encurtando as distâncias entre o adulto e a criança. As observações diretas indicam que as crianças brincam o tempo todo na sala, tendo em vista que as

atividades desenvolvidas não as envolvem nem contam com suas contribuições efetivas. No que se refere ao planejamento local, constatamos a ausência de diretrizes e políticas municipais para esta etapa da educação, embora a Educação Infantil seja citada junto com as demais etapas da Educação. Também registramos que a mesma não é elaborada em termos e aspectos que diferenciem a criança e o professor com especificidades próprias. Indicamos que a escola precisa escutar as crianças e repensar o lugar que o brincar tem ocupado nos diferentes espaços que compõem a escola. Por fim, debatemos a importância do planejamento local para garantir o reconhecimento da criança como sujeito de direitos. É pertinente dizer que as análises deixaram indícios e possibilidades de se construir novas configurações e caminhos para as distâncias ou aproximações geracionais, numa perspectiva dialógica e ética que respeite a criança em suas singularidades.

Palavras-chave: Criança; Adulto; Políticas Públicas; Brincar.

A PROFESSORA COMO PARTE DO PROCESSO DE MEDIAÇÃO NO PROCESSO EDUCACIONAL: UM DEBATE NECESSÁRIO

Edna Furukawa Pimentel

Karina de Oliveira Santos Cordeiro

Márcia Tereza Fonseca Almeida

Os investimentos direcionados, principalmente nas áreas da saúde e da educação, para as políticas infantis ainda não são suficientes para suprir as demandas. Como exemplo, pode-se citar a formulação de planos governamentais por meio da criação de cursos de formação inicial (Proinfantil) e continuada para os profissionais da Educação Infantil. Com relação à formação do professor, especialmente a partir da década de 1990, denominada de década da educação, a proposta tem sido a de buscar superar o modelo da racionalidade técnica, que tinha como objetivo formar o especialista, pelo modelo da racionalidade prática, voltado para a formação do professor reflexivo, tendo como base teórico-metodológica o pragmatismo de Dewey. No entanto, duas décadas depois, não se tem observado significativas modificações na formação inicial do professor. Esta constatação parece estar relacionada a alguns elementos, dentre eles: o predomínio dos pressupostos teórico-metodológicos da Filosofia Escolástica; o *habitus* professoral e a ausência de uma formação voltada para a criação de conceitos. Ao desconsiderar a importância desses elementos na formação, pouco se tem questionado conceitos, como: infância e criança. Neste sentido, desenvolvemos estudos em escolas do meio rural e urbano com o objetivo de analisar o que dizem as professoras e as crianças sobre a Educação Infantil. Como estratégias metodológicas, realizamos entrevistas semiestruturadas junto às professoras e processos de interlocuções com as crianças. Os estudos foram realizados em uma escola de Educação Infantil do meio urbano e outra do meio rural. Constatamos que as atividades direcionadas às crianças são realizadas quase sempre dentro da sala e que os espaços fora da sala nem sempre são adequados às brincadeiras. As escolas não dispõem de espaços com infraestruturas compatíveis com as necessidades ou com as características culturais, especialmente para as crianças do campo. Assim, as crianças, ao brincar nos espaços físicos das escolas pesquisadas, precisavam ressignificar constantemente os poucos elementos presentes para que pudessem realizar suas brincadeiras por meio das trocas culturais. Essas situações nos levaram a reflexões sobre a diversidade da população

campesina e urbana e sobre a necessidade de implementar ações concretas a fim de que as crianças pudessem realizar atividades diferenciadas na escola a partir das trocas culturais entre seus pares. Desse modo, consideramos que cabe às professoras e às responsáveis pelos projetos políticos pedagógicos de cada escola de Educação Infantil uma atuação no processo de mediação entre a realidade cultural vivenciada pelas crianças e suas famílias com os temas e recurso do contexto local. Indicamos também que elas passem a escutar as crianças no propósito de planejar as atividades voltadas para práticas cotidianas e para aspectos ligados à arte e à cultura, como, por exemplo: literatura infantil, teatro e música, além de questões relativas à família e à comunidade.

Palavras-chave: Formação de Professores; Políticas Públicas; Educação Infantil.

A ESCOLA COMO ESPAÇO PROPOSITIVO, CRÍTICO E CRIATIVO

Flávia Castagno Queiroz

Liana Gonçalves Pontes Sodré

Maria Aparecida D'Ávila Cassimiro

A comunicação do sujeito com o mundo, por se constituir de um processo extremamente complexo, em que diversas conexões lhe são exigidas, configura-se pela diversidade de elementos e linguagens. A educação tende a priorizar as linguagens orais e escritas, esquecendo ou negligenciando as outras formas de expressão, de comunicação e aprendizado, de modo que a frequência da movimentação realizada com tanta naturalidade pelas crianças vai, por falta de tempo e/ou espaço, aos poucos diminuindo nas escolas. Justamente pelo fato de a criança ainda não ter o domínio das linguagens oral e escrita, incentivar a exploração de outras vias de comunicação, através dos desenhos, dos gestos e de todo o arsenal de movimentos que o corpo oferece, constitui estratégia fundamental para que a criança se faça atuante no seu próprio processo educacional. O trabalho docente está relacionado com os referenciais teóricos adquiridos em diferentes processos de formação, bem como com as experiências pessoais, convicções e princípios de cada professor(a). Dessa maneira, as práticas docentes refletem também aspectos subjetivos e culturais de cada professor. Nos estudos buscamos ouvir as crianças sobre os espaços físicos das escolas e as atividades criativas desenvolvidas nas aulas de dança. Objetivamos também analisar o que dizem as professoras da Educação Infantil sobre suas práticas a partir das observações das crianças. As crianças apontaram para aspectos do espaço escolar perigosos ou inadequados às suas necessidades e ressaltaram a necessidade de espaços abertos propícios às brincadeiras e ao contato com os elementos da natureza. Na discussão sobre as aulas de dança as crianças ressaltaram a participação delas no processo de planejamento das aulas, o respeito à possibilidade de expressão inerente a cada uma delas, o ensino flexível voltado a novas experimentações, diferentemente de um ensino de técnicas rígidas para a Dança, engessadas em códigos preestabelecidos. Nas análises e discussões com as professoras e com as crianças ficou evidente que o processo educacional deve ser propositivo, no sentido de mostrar as inúmeras possibilidades do espaço escolar. As professoras relacionaram os saberes associados à prática pedagógica com a visão dicotomizada, que tem marcado a escola, dividindo contextos entre o “certo” e o “errado”, “sim” ou “não” ou o “masculino” e o “feminino”. Os estudos realizados deixaram evidente que este tipo de análise não enriquece o processo educacional, nem permite que as crianças compreendam a complexidade presente em cada aspecto estudado. As professoras reconheceram que estas dicotomias trazem as marcas de

práticas conservadoras, distantes de uma proposta problematizadora, criativa e crítica do processo educacional, que pode romper com a hegemonia cultural que as tem favorecido.

Palavras-chave: Formação do professor; Criança; Trabalho docente.